

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

11 abr 2017 | O Globo | ANA LUCIA AZEVEDO ala@oglobo.com.br

# No limiteMEIO da extinção

## Primata pode desaparecer do planeta devido a surto de febre amarela

O surto de febre amarela ameaça provocar a extinção do bugio-ruivo-donorte, uma das espécies de primatas que vivem na Mata Atlântica, especialmente em Minas e no Espírito Santo. Pela primeira vez desde o início do século XX, a Humanidade está em vias de testemunhar a extinção de um primata. A febre amarela pode extinguir uma subespécie de guariba que figura entre os cinco macacos das Américas que estão no grupo de maior risco de todo o planeta. Antes da febre chegar e provocar a maior mortalidade de macacos da Mata Atlântica que se tem registro no Brasil, restavam apenas cerca de 250 bugios-ruivos-do-norte (*Alouatta guariba guariba*).

— Agora não sabemos quantos há. E essa é a nossa grande preocupação. Eles já estavam no limite. A febre entrou numa área onde a Mata Atlântica está em pior estado e abriga animais extremamente raros. Temos fortes suspeitas de macacos mortos com suspeita de febre amarela em localidades onde esse bugio existia. Esse é um momento em que você sai da luz de alerta amarela e acende a vermelha — afirma Leandro Jerusalinsky, coordenador do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros (CPB/ICMbio).

Reduzido a uma população quase inviável, que o colocava na mais crítica categoria de risco de extinção no Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas, o bugio-ruivo-do-norte teve o território diminuído e partido pelo avanço da agricultura, do gado e das cidades. De pelagem vistosa e voz ainda mais exuberante, os bugios do norte se alimentam de folhas e frutos e são importantes para a propagação de árvores da floresta atlântica.

Pelas estimativas de Jerusalinsky e outros primatologistas, há entre dez e 15 pequenos grupos de bugios-ruivos-do-norte, todos numa região ao norte do Rio Jequitinhonha, que se estende pelo Nordeste de Minas, o Norte do Espírito do Santo e o Sul da Bahia. Essa zona está dentro da região por onde a febre se alastrou entre 2016 e 2017.

— Os bugios de forma geral são os mais suscetíveis à febre amarela, morrem rapidamente e em grande número. Essa doença tem causado extinções locais ao longo dos anos. Mas nada como agora. Desta vez chegou ao hotspot do hotspot da biodiversidade mundial — observa Jerusalinsky.

MORTE NO CAMINHO DO VÍRUS Hotspot é o nome dado às áreas cruciais para a preservação da biodiversidade no mundo. A Mata Atlântica é uma delas. E, dentro da Mata Atlântica, o pequeno enclave do bugio-ruivodo-norte é uma das joias da coroa.

A febre amarela silvestre se espalhou com intensidade e velocidade por Minas Gerais e Espírito Santo. E atingiu também outros estados, como Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

A febre que já matou 202 pessoas (há outros 48 óbitos em investigação) massacra os macacos. Os números são incertos e demoram a chegar. Em Maceió, por exemplo, um macaco morto em setembro de 2016, cujo teste deu positivo para febre amarela, só teve o exame divulgado no fim de março. O mais recente informe epidemiológico do Ministério da Saúde aponta 2.871 epizootias (nome técnico de infecção em animais), com 4.434 macacos afetados.

Primatologistas lembram que a maioria dos macacos morre no interior da mata, sem ser detectada. Por isso, o número de carcaças encontradas representa uma fração da realidade.

Algo entre 10% a 20% do número real é registrado, estima o primatologista Sérgio Lucena, professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que investiga a epidemia em macacos desde o início.

— Essa é a maior mortalidade de primatas da Mata Atlântica. E desta vez a febre amarela atingiu em cheio a região mais vulnerável e biodiversa do país — destaca Lucena.

Embora o surto em seres humanos só tenha vindo a público em janeiro, já faz um ano que a febre amarela deu sinal de que estava de volta. Como sempre faz no ciclo silvestre, o vírus começou a matar os macacos. Eles são sentinelas involuntárias da doença humana. Morreram, avisaram, mas a febre avançou.

Em 4 de abril de 2016, o Centro de Controle de Zoonoses de Montes Claros, em Minas Gerais, foi notificado que macacos haviam sido encontrados mortos nas localidades de Moinhos e Fazenda Claudiano, na zona rural do município. O resultado do Instituto Evandro Chagas, no Pará, só veio em 4 de agosto. Era febre amarela.

— Os resultados dos exames demoraram para chegar. E, além disso, ainda não compreendemos bem como as epizootias se espalharam por Minas. Há obstáculos naturais para a propagação, como a Serra do Espinhaço, além do fato de as matas não serem contínuas. O papel humano como dispersor da doença precisa ser mais investigado — afirma o primatologista Waldney Pereira Martins, da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

Em Minas, estado dentro da área de recomendação vacinal, mas com baixa cobertura (52,6% até 2016), a doença avançou depressa. No Espírito Santo, a vacinação formou um bloqueio que impediu a epidemia de grande proporção em pessoas — ainda assim, há 146 casos confirmados, dos quais 43 são mortes. Para os macacos não houve salvação.

— No Espírito Santo, tivemos mais de mil registros. Quantos macacos morreram em Minas talvez nunca venhamos a saber, mas o vírus avançou em velocidade espantosa — diz Lucena.

Júlio César Bicca-Marques, primatologista e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, defende com veemência que os macacos não são responsáveis pela propagação do vírus.

— Só o ser humano atravessa depressa uma região tão grande e cujas matas estão fragmentadas. Se as pessoas estivessem vacinadas, o vírus não teria se espalhado. Negar isso é tirar a responsabilidade das autoridades. Tenho certeza que não é o macaco que faz o vírus circular nesse surto. Além de os bandos de macacos usarem áreas restritas da mata, eles vivem na copa das árvores e a maioria raramente desce ao chão. Portanto, é impossível para os macacos um deslocamento tão rápido — frisa o pesquisador da PUC-RS.

Lucena destaca que pela primeira vez a febre amarela mata espécies raras, como o sagui-da-serra. E tem matado os sauás ou guigós, espécie não afetada em surtos anteriores da doença no país.

— Agora são os sauás que estão morrendo mais no Espírito Santo. Não sabemos se passaram a ser mais picados pelos mosquitos ou se foi outro motivo. Os bugios morreram em grande número e os que restaram são resistentes ao vírus — observa Lucena.

Doenças humanas estão entre as principais causas de risco de extinção de macacos, segundo um estudo de Alejandro Estrada e colaboradores publicado em dezembro na revista "Science Advances". E a febre amarela está no topo da lista dessas doenças. A espécie irmã do bugio do norte, a do sul (*Alouatta guariba clamitans*), embora mais numerosa, passou a figurar na lista das espécies de animais ameaçados do Brasil por causa da febre.

UM FLAGELO RECORRENTE O bugio comum, o clamitans, não estava ameaçado no Brasil. Mas isso mudou depois do surto no Rio Grande do Sul entre 2008 e 2009, que matou pelo menos dois mil macacos. E aí ele voltou para a lista.

— Agora, não sabemos a dimensão da doença que continua a avançar, embora com menor intensidade devido ao fim do verão e ao clima desfavoráveis para a sua propagação — explica Jerusalinsky.

Ele diz que o próximo passo é saber quais as espécies afetadas e estimar o número de animais mortos. Depois, nos próximos anos fazer um levantamento das populações.

— Vamos a campo para descobrir o que está acontecendo com o bugio do norte. Será um desastre perdê-lo para uma doença — diz.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | [www.newspaperdirect.com](http://www.newspaperdirect.com), EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)

[Próxima notícia](#)